



CAPITÃO DÓLAR: A REPRESENTAÇÃO DO IMIGRANTE VALADARENSE NA MÍDIA IMPRESSA LOCAL NA DÉCADA DE 1990.

Juliana Vilela Pinto¹
Sueli Siqueira²

Os últimos séculos acompanharam uma evolução tecnológica desenfreada, capaz de conectar, em tempo real, pessoas espalhadas nos mais diversos rincões do mundo. Neste contexto, a comunicação de massa emerge como um território simbólico, ou seja, produto da apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

No caso de Governador Valadares, o tema da migração foi abordado pela mídia das mais diversas formas, principalmente a partir da segunda metade dos anos de 1980, quando é registrado um verdadeiro *boom* migratório. Este artigo surgiu com base em uma pesquisa realizada no arquivo do jornal Diário do Rio Doce, que analisou o conteúdo de uma seqüência de histórias em quadrinho sobre o tema. No dia 11 de julho de 1990 foi lançado o personagem “Capitão Dólar”, criado pelos publicitários Clóvis Moreira Costa e Marcondes Tedesco, que o definem como um “herói” como um valadarense que volta dos Estados Unidos cheio de si.

A proposta deste artigo é fazer uma análise de conteúdo destas tirinhas que circularam diariamente no jornal até setembro de 1991. Ao todo, foram publicadas 375 tiras, cujo conteúdo trabalha de forma irônica a relação existente entre a comunidade valadarense e o fenômeno migratório na era global. Para proceder a análise das tiras é preciso compreender o processo de territorialização e o histórico da cidade, marcada pelo fenômeno da migração internacional. No caso do Brasil, o cenário recente contraria a história, pois acontecia, até o início do século XX, o inverso do processo migratório registrado nos dias de hoje. O Brasil era um país marcado pela imigração e caracterizado pela aptidão acolhedora, sendo que a chegada destes imigrantes provocou mudanças consideráveis na formação do território brasileiro.

Hoje, a chegada de brasileiros também provoca alterações na estrutura territorial dos países de destino. Nesse sentido, podemos citar a cidade de Framingham na Região de Boston. Depois da reestruturação da economia essa localidade perdeu sua vitalidade econômica. As empresas fecharam as portas e a região ficou abandonada. As cidades próximas possuíam mercado de trabalho

¹ Jornalista, graduada pela Universidade Vale do Rio Doce, mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da UNIVALE.

² Doutora em Sociologia e Ciência Política, professora do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da UNIVALE.



secundário atrativo o que levou muitos brasileiros a viverem nessa localidade, que foi ocupada por um mercado de produtos brasileiros que revitalizou a região. (SIQUEIRA, 2008).

Os novos fluxos migratórios apresentam características diferentes do processo que trouxe milhares de estrangeiros para o Brasil. Como afirma Giddens (1999), a globalização, promoveu a compressão do tempo e espaço, derrubou as fronteiras geográficas ligando economias, mercados e sociedades. Graças às novas formas de interação social, lançadas com o advento das novas tecnologias de comunicação, mesmo à distância, um agente social de um país pode influenciar na política, economia ou até mesmo nos costumes em escala planetária.

Mas, como ressaltam as pesquisadoras Assis e Siqueira (2009), a globalização também tem sua face excludente. Ao passo em que o dinheiro e as mercadorias têm a possibilidade de circular livremente entre os países, os imigrantes já não encontram a mesma facilidade na hora de cruzar a fronteira, fato demonstrado pelos moradores da Região de Governador Valadares que buscam a emigração indocumentada, sem nunca ter tentado a documentação por acreditarem que não conseguiram o visto, principalmente na embaixada americana. Neste sentido, a globalização traz diferenciação e fragmentação sendo atravessada por um desenvolvimento desigual e contraditório, pois as mesmas forças que promovem integração desagregam, gerando tensões tanto no destino como na origem. Entre os novos fluxos migratórios destacam-se os pioneiros valadarenses, que começaram a migrar para os Estados Unidos na década de 1960. Amorim (2008) aponta que, dadas as características assumidas pela migração na cidade, é possível dizer que ela faz parte do imaginário coletivo não apenas como uma saída para a crise financeira, mas como um projeto simbólico com o quais muitos cidadãos se identificam.

A cidade revela uma longa história de ocupação e exploração. Localizada em um ponto estratégico em relação às fontes produtoras de minérios e pedras semipreciosas, a cidade atraiu muita gente para executar atividades de apoio à mineração, dando à cidade papel de entreposto comercial. E este é um dos fatores que ajudou a formar na cidade um quadro propício à imigração.

A partir das diversas formas de contato entre os valadarenses e os norte-americanos, com a exploração da mica na década de 1940, a expansão da estrada de ferro Vitória a Minas para o escoamento do minério de ferro por empresas americanas. O desenvolvimento da região propiciado por esses eventos criou no imaginário local a idéia dos Estados Unidos como uma terra promissora, com vasta oportunidade de emprego e ascensão social.

A partir da década de 1960, a cidade enfrentou um período de estagnação econômica, com o desmatamento excessivo e o esgotamento dos ciclos extrativistas. Neste contexto de crise, os



primeiros valadarenses emigraram. A migração começou de forma discreta quando 17 jovens, todos com visto de trabalho e boa condição financeira, foram para os Estados Unidos ganhar dinheiro e retornar. Estes pioneiros não migravam por razões puramente econômicas, mas também motivados pela curiosidade de conhecer a terra das grandes oportunidades. (SIQUEIRA, 2008).

Os anos de 1980 também ficaram conhecidos no Brasil como a década perdida, pelo fracasso dos planos de estabilização econômica. A hiperinflação dificultava a manutenção do padrão de vida da classe média brasileira. Com a crise, a emigração ganha característica de fluxo, gerando um *boom* migratório, que reconfigura o país de origem e o de destino.

A mídia impressa registra o significado e as representações desse movimento migratório. O jornal impresso local o Diário do Rio Doce publicou, nos anos de 1990, uma série de tiras humorísticas que tratavam exatamente desse fenômeno. No item seguinte iremos apresentar essas tiras e discutir sobre o a sua representação em relação ao fenômeno migratório.

CAPITÃO DÓLAR: A REPRESENTAÇÃO DE UM IMIGRANTE “CHEIO DE SI”

O personagem “Capitão Dólar” foi criado em julho de 1990. As tirinhas circularam diariamente, durante um ano e três meses. Ao todo, foram 375 histórias, que retratam com humor e ironia o imigrante valadarenses retornado e o fenômeno migratório em suas diversas facetas. Para a realização da análise o material foi fotografado com câmera digital e descarregado no computador. Um estrangeiro em seu próprio país. Assim pode ser definido o personagem “Capitão Dólar”. Apesar de ser um personagem fictício e do humor contido nas histórias, a verdadeira mensagem transmitida por esta seqüência de quadrinhos é uma denúncia com relação à situação dos brasileiros que vivem nos Estados Unidos e do sentimento de não pertencimento quando retornam à terra natal.

Foram selecionados os dois primeiros meses de publicação, pois apresentam um conteúdo cujas mensagens realçam bem a postura do imigrante retornado, o deslumbre dos valadarenses com a possibilidade de conseguir um visto de entrada e algumas situações típicas que mostram a forte relação existente entre a cidade e os Estados Unidos. Nem todas estão reproduzidas, mas o conteúdo de todas foi avaliado e está representado neste item do artigo. Foi utilizada a análise do conteúdo para compreensão do significado e representação das histórias.

Nicolau (2007) classifica as tiras dos jornais como um gênero opinativo que, apesar do humor, traz um conteúdo atual e crítico capaz de retratar com aguçada ironia os paradoxos da nossa sociedade. As tirinhas trabalham com a pluralidade de sentidos e trazem um desfecho inesperado.



As histórias têm como base uma piada curta e envolvem personagens fixos e estereotipados, como o Capitão Dólar e seu amigo engraxate.

TIRA 01



Fonte: Diário do Rio Doce, publicada em 11/07/1990

A tira 01, acima, foi a primeira da saga “Capitão Dólar”. O imigrante retornado chega à ao jornal e se apresenta ao diretor da publicação como sobrinho do *Tio Sam*, fazendo uma alusão aos Estados Unidos. Essa afinidade, sobrinho, se deve ao fato de ter vivido nos Estados Unidos. Ele se sente próximo, não como filho daquela terra, mas reivindica o direito de ser parente. Esse é um diferencial dele para com seus compatriotas, que nunca pisaram no solo da terra prometida. O personagem tenta firmar sua identidade a partir dessa experiência migratória³. Por isso, o “Capitão” se veste ao melhor estilo norte-americano, com calça rasgada, colete e vários cordões pendurados. Ao desembarcar no Brasil, com a mala repleta de dólares, o protagonista destas histórias faz amizade com Johnny, um rapaz negro, morador do morro do Carapina⁴, que trabalha como engraxate e tem um sonho: conseguir o visto de entrada para os Estados Unidos. O valadarense, com nome de americano, então, se alia ao Capitão Dólar, pois acredita que ele pode ajudá-lo a conseguir seu objetivo e, enfim, melhorar de vida. Para o engraxate, o Capitão é exemplo de um valadarense que, com a imigração, conseguiu dar a volta por cima, fortalecendo a imagem dos Estados Unidos como uma nação próspera.

Por sua nova condição, o “Capitão” se torna uma verdadeira celebridade. Mas, na verdade, a história revela um homem de pouca instrução que executava trabalhos desqualificados como lavar defuntos e pratos. Desta forma, os cartunistas revelam a realidade da vida dos valadarenses nos Estados Unidos, trabalhos desqualificados no mercado secundário, como ilustra a tira 02.

Para Margolis (1994), o grande poder de atração, que faz com que os imigrantes troquem o Brasil pelos Estados Unidos, está na oferta de empregos de baixo nível, que requerem pouca fluência de inglês, mas oferecem ao imigrante uma remuneração muito maior do que a recebida no

³ A mesma reivindicação de status de emigrante o personagem reafirmará na tira número 7 e 9.

⁴ Favela mais central da cidade de Governador Valadares.



país de origem. Assim, os bons salários acabam compensando a perda de *status* e a submissão a trabalhos que no país de origem seriam vistos como degradantes.

FIGURA 02



Fonte: Diário do Rio Doce, publicada em 13 de julho de 1990.

Devido à ascensão social que vive no momento, concretizada pelos dólares que trouxe e pelo *status* de emigrante, o Capitão Dólar acredita que o dinheiro, ou melhor, o dólar é capaz de comprar tudo, inclusive a boa forma física, como destacado jocosamente na tira 03. Essa tira revela o poder mágico de ter estado na terra prometida, mas revela também a falta de conhecimento que os anos num país de primeiro mundo não lhe proporcionou. Ele conseguiu “Fazer a America” o que na linguagem do emigrante significa ganhar dinheiro e retornar numa condição econômica superior, mas não conseguiu adquirir conhecimento. Neste sentido, o dinheiro é sua única fonte de identidade, de diferenciação, que justifica os anos de luta na América.

FIGURA 03



Fonte: Diário do Rio Doce, publicado em 22 de julho de 1990.

O passaporte autêntico com visto, a partir dos anos de 1980⁵, raridade, entre os Valadarenses, também é motivo de orgulho para o Capitão Dólar, pois ele considera que este é capaz de lhe abrir todas as portas. Neste contexto, o Capitão se sente um verdadeiro herói, privilegiado pelo seu visto, como demonstra a tira 04. Esta tira revela também o estranhamento e a

⁵ Margolis (1994) comenta sobre a dificuldade encontrada pelos brasileiros na hora de conseguir um visto. De acordo com a pesquisadora, os brasileiros não tinham problemas na hora de conseguir visto, pois eram considerados autênticos turistas, mas ao longo dos anos 1980 a situação começa a mudar. Devido ao crescente número de brasileiros *overstayers* (pessoas que excedem o tempo de permanência do visto de turismo) eles são vistos como qualquer outro imigrante transgressor



incapacidade do emigrante de compreender as normas formais e informais do seu país de origem. Tem sempre a necessidade de comparar e supervalorizar o que é estrangeiro.

FIGURA 04



Fonte: Diário do Rio Doce, publicada no dia 24 de julho de 1990.

Os imigrantes retornados, ao voltar, conseguiam comprar alguns bens de consumo que antes não tinham acesso e faziam questão de reverenciar a terra do *Tio Sam* como uma espécie de Eldorado. Não apenas os imigrantes, mas também os meios de comunicação de massa. Como destaca Margolis (1994), a mídia ajudou a reforçar a imagem dos Estados Unidos como uma espécie terra prometida. A salvação para a espécie humana, como uma nação não dividida pelo estresse social e econômico provocado pelo que se tem ou não tem, como um lugar em que o governo se preocupa com as pessoas e não é corrupto.

A supervalorização do que é estrangeiro em relação ao nacional é uma tônica das falas do Capitão Dólar, para ele, o povo brasileiro pensa pequeno e precisa ampliar suas perspectivas. Na tira abaixo o protagonista não se contenta com a simplicidade do protesto pela duplicação de uma rodovia e busca uma alternativa à altura da sua condição americanizada: uma estrada com cinco vias, sendo que uma delas tem como destino os Estados Unidos. Ou seja: a solução para todos os valadarenses.

FIGURA 05



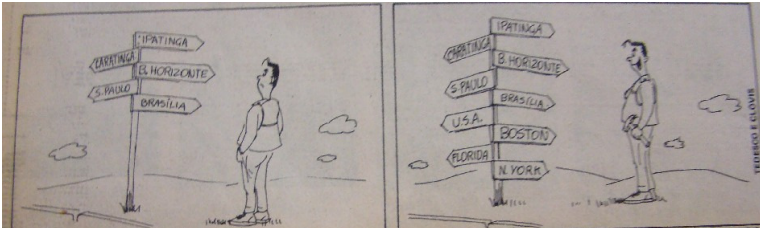
Fonte: Diário do Rio Doce, publicada em 17 de agosto de 2010.

Siqueira (2007) compreende que para o emigrante a empreitada do retorno é ainda mais complicada do que a decisão de migrar para um país estrangeiro, pois quando emigram estão cheios



de esperança, já no retorno são acometidos pelo estranhamento de seus lugares de origem e das pessoas que habitavam seu universo social. Isso acontece porque durante a ausência eles idealizam as relações e o espaço social no qual viviam. Relações e espaços que não são reconhecidos depois. Na tira abaixo, a placa indicando a direção de algumas cidades brasileiras e confunde o Capitão Dólar, que sente falta da indicação de cidades americanas.

FIGURA 06



Fonte: Diário do Rio Doce, publicado em 27 de julho de 1990.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Governador Valadares é conhecida como o primeiro e o principal ponto de partida de emigrantes para o exterior. Esse movimento populacional impacta a cidade em diferentes aspectos. Assim como afirma Sayad (2000), a imigração não acontece sem deixar marcas, que afetam o país de origem, o de destino e, principalmente, os seres humanos envolvidos na empreitada migratória, tanto aqueles que vão quanto aqueles que ficam.

Essas marcas estão representadas em diferentes setores da sociedade valadarense como no comércio, construção civil e mesmo no cotidiano das pessoas, das famílias e da sociedade de modo geral. A mídia local apresenta um registro desse fenômeno através dos editoriais, reportagens, crônicas, charges, e as tiras de humor, que retrataram a questão em suas várias dimensões e significados.

O presente artigo tem a proposta de fazer uma análise de conteúdo de uma das modalidades de informação sobre a emigração, as “tirinhas” que circularam diariamente no jornal entre julho de 1990 e setembro de 1991, demonstrando as representações sobre a emigração presentes nesse gênero jornalístico. As tiras retratam o migrante retornado valadarense com humor e certa dose de ironia e sarcasmo. O personagem Capitão Dólar sugere um homem deslumbrado, de pouca instrução que retorna cheio de si e acredita que seus preciosos dólares são capazes de comprar qualquer coisa, mesmo aquelas cujo preço não é possível calcular.

Nas tiras estão presentes as representações do emigrante na cidade de origem, ou seja, é um sujeito que “fez a América”, pois, conseguiu fazer uma poupança e retornar em situação melhor.



Passa a valorizar tudo que é americano em detrimento ao que é nacional e vê na sua condição de emigrante um diferencial em relação àqueles que não empreenderam a aventura de emigrar.

Apesar de os quadrinhos serem uma obra de ficção e da imagem estereotipada, retratam uma realidade dos anos de 1990: o interesse dos valadarenses pela terra do *Tio Sam*. No entanto, o personagem, com sua paixão pelos Estados Unidos é apresentado como um sujeito que, no decorrer do processo migratório vivenciado, adquiriu dólares, mas não conseguiu mudar sua condição de desinformado e pouco instruído. Desta forma, a mídia, nesses quadrinhos em particular, apresenta uma imagem negativa da migração e dos migrantes valadarenses, que estão sempre associados ao cambio ilegal da moeda americana, à falsificação de passaportes e uma série de outros esquemas ilícitos. Além disso, a cidade acaba fadada com uma terra sem oportunidades, cuja melhor saída para uma vida melhor é o aeroporto. A imagem passada é de uma identidade fragmentada e, sobretudo, desterritorializada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Zenólia Maria. **Fazer a América**: inserção e mobilidade do imigrante brasileiro em uma economia de base étnica. Coronel Fabriciano: Unileste-MG, 2003.
- AMORIM, Aparecida. As interfaces entre emigração internacional e religião: um estudo de caso. **Cadernos Neder**. Governador Valadares: Univale, n.2, p.101-116, 2008.
- ASSIS, Gláucia de O. **Estar aqui... Estar lá...**: Uma cartografia da emigração valadarenses para os Estados Unidos. 1995. 230 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995..
- CAVALCANTE, Aparecida Amorim. **A imagem pública de Itamar Franco na mídia impressa**: Folha de São Paulo, Estado de Minas, Revista Veja. 2002. 152 f. (Dissertação de Mestrado) - Curso de pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.
- HALL, S. 2003. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG
- IANNI, Otávio. Globalização e diversidade. In: PATARRA, Neide Lopes. (org.). **Migrações internacionais, herança XX e Agenda XXI**. Campinas (SP): FNUAP, 1996, p. 1 – 15.
- MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil**. Imigrantes brasileiros em Nova York. São Paulo: Papyrus, 1994.
- NICOLAU, Marcos. **As tiras de jornal como gênero jornalístico**. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br>> acesso em: 10 de janeiro de 2010.



PATARRA, Neide. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, agosto 2006

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ed. Ática, 1993.

SASSEN, S. The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow, **New York, Cambridge University Pres, 1998.**

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na Microrregião de Governador Valadares – Sonhos e frustrações no retorno.** 2006. 200f. Tese (doutorado em Ciências Humanas – Sociologia e Política) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

_____. Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno.** Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____. Emigração e retorno na perspectiva de gênero. **In: Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro.** 26ª RBA Desigualdade na Diversidade. São Paulo: RBA, 2008.